

A MÁ POLÍTICA

1-2-66

Rubem Braga

Um leitor estranha que, sendo eu capixaba, não tenha dado o menor palpite sobre a crise política de meu Estado; quer saber se eu sou "a favor ou contra a derubada do Chiquinho".

Respondo-lhe que, vivendo fora do Espírito Santo, prefiro não tomar partido em sua política. Ela me parece, para falar com franqueza, bastante melancólica; tanto que nem mais me animo a atacar um má político, de medo que esse ataque vá servir a um político pior. Trata-se de uma luta de grupos e facções, em torno de seus interesses; pouco sei de suas tricas, e o que sei não é animador. Nesse caso, por que não escrevo a favor de uma intervenção militar?

Respondo que não acredito muito nas virtudes especiais dos interventores militares. Não está provado que eles governem melhor que os civis eleitos.

Já existe, na verdade, em todos os Estados do Brasil, uma intervenção militar declarada, disfarçada ou em potencial, que é a do chefe da guarnição federal. Alguns se candidatam ao governo estadual, como vemos no Rio Grande do Sul. E daí? Não é verdade que o sr. Costa e Silva se candidatou ao governo federal sem outros títulos conhecidos além de ministro da Guerra? Com eleições indiretas e as assembleias estaduais votando sob a vigilância das baionetas revolucionárias, o esquema pode funcionar direitinho; nos Estados menores, como o Espírito Santo, o governo caberá ao comandante do Batalhão de Caçadores; nos maiores, ao comandante de Exército; não é, pelo menos, harmonioso? Podemos reservar os Territórios para os majores, e tudo ficará em ordem.

É evidente que uma consulta à opinião pública só poderia atrapalhar. Ganharia então a tese, que não é do sr. Ademar de Barros nem do sr. Carvalho Pinto nem do sr. Magalhães Pinto, porque é de todo mundo: revogação do ignominioso Ato Institucional número 2 e eleições diretas. Em resumo: democracia. Volta à normalidade democrática.

Dirá o sr. Pedro Aleixo que essa democracia não é perfeita porque não é o povo que escolhe os candidatos, mas sim os grupos. Tem razão. Mas preferimos um pouco de democracia a nenhuma; se o sr. Pedro Aleixo tirar todas as consequências de seu raciocínio ele nos levará de volta ao Estado Novo, que tanto combateu.

Tivemos eleições diretas em alguns Estados. Por que não poderemos ter em outros? O fato é que o governo se desmoraliza com essas manobras fúteis; e o triste é que não será o povo que irá colher os frutos dessa desmoralização.